

Flexão e derivação sufixal: semelhanças e diferenças

José Mario Botelho (UERJ)

Introdução

Não há dúvida de que “flexão” e “derivação sufixal” compõem dois fenômenos semelhantes, uma vez que constituem os referidos processos uma variação ou flexão (no sentido lato: “ato de flectir, curvar, dobrar”) em si.

Decerto, distinguem-se, em virtude de suas particularidades: não apenas se considerarmos os conceitos gramaticais, que, de forma limitada e lacônica, nos apresentam os compêndios gramaticais em relação a tais processos, mas sobretudo porque constituem objetos de estudo de duas diferentes áreas: a Morfologia Flexional e a Morfologia Lexical, que os descrevem de formas distintas.

Morfologia Lexical X Morfologia Flexional

A distinção entre Morfologia Lexical (ML) e Morfologia Flexional (MF)⁽¹⁾ e a descrição de seus objetos de estudo a mim me parece ser de fundamental importância. A flexão é o objeto de estudo da MF, enquanto que a ML tem como objeto de estudo a derivação.

Para a distinção entre os processos de flexão e de derivação, baseei-me na distinção entre **Derivatio Voluntária** e **Derivatio Na-**

1. Cf. MATHEWS (1999, p. 37-57).

turalis⁽²⁾ estabelecida por Varrão para a língua latina. A **derivatio voluntaria** é o processo pelo qual uma nova palavra se forma mediante acréscimo de um elemento no final de palavras com alteração ou não de elementos terminais – uma relação aberta.

Logo, a formação sufixal pertence à **derivatio voluntaria**, embora o gramático latino não mencione a sufixação em seu texto. A constatação de que Varrão tinha noção deste processo mórfico se dá a partir do fragmento (traduzido por Freitas, 1981, p. 87): “... se faz por troca de letras ou sílaba final: **equus, eques, equitatus**”.

Câmara Jr. (1985, p. 81) associa o termo latino **voluntaria** à derivação, já que também “destina-se a esclarecer o caráter fortuito e desconexo do processo. As palavras derivadas, com efeito, não obedecem a uma pauta sistemática e obrigatória para toda uma classe homogênea do léxico. Uma derivação pode aparecer para um dado vocábulo e faltar para um vocábulo congênere”.

A **derivatio naturalis** é o processo pelo qual uma palavra é adaptada a um contexto, com o acréscimo de uma desinência de caso e de número correspondente à função que exerça na frase, de acordo com a natureza desta, numa relação fechada, indicando uma modalidade específica. Logo, a flexão pertence à **derivatio naturalis**, embora na nomenclatura de Varrão o conceito geral de flexão se traduza por **declinatio**.

2. Cf. CÂMARA Jr. (1985, p. 81-2, e 1991, p. 47-52); FREITAS (1981, p. 85-7) e SANDMANN (1991, p. 23-31)

Câmara Jr. (Id., *ibid.*, p. 81-2) associa também o termo latino à flexão, em que “há obrigatoriedade e sistematização coerente. Ela é imposta pela própria natureza da frase, e é **naturalis** no termo de Varrão”.

O processo de derivação

Segundo Bechara (1983, p. 176), Almeida (1985, p. 404), Cunha e Cintra (1985, p. 83) e Rocha Lima (1988, p. 173), derivação é o processo pelo qual se formam palavras de outras por meio de afixos.

Alguns estudiosos ressaltam a mudança de sentido que este processo de formação provoca na palavra-base e procuram descrevê-lo, dando exemplos com os diversos afixos existentes no sistema da língua à disposição dos falantes.

Basilio (1989, p. 28-9), muito mais preocupada com a produtividade dos sufixos, repete a definição tradicional e ressalta as funções sintático-semânticas dos afixos. Cita a generalidade das noções envolvidas na função da derivação em cujo texto se pode inferir a formação de gênero feminino dos substantivos, cujo processo é altamente produtivo.

Freitas (*Op. cit.*, p. 114-20) corrobora a tese de que a derivação é uma relação aberta. Esclarece, ainda, alguns pontos acerca do assunto e estabelece uma distinção entre Morfemas Derivativos – morfemas que pertencem à relação aberta e que são de natureza objetiva dentro do léxico e formam uma nova significação: os prefixos e

sufixos, formadores de novas palavras – e Morfemas Categoriais – morfemas que pertencem à relação fechada, cujo número de elementos não varia, e que são de natureza gramatical e apresentam uma significação secundária: sufixos indicadores de gênero e número, nos nomes, e de tempo, modo, número e pessoa, nos verbos –, embora os exemplos apresentados contrariem o que venho dissertando, já que sua descrição se baseia nos ensinamentos de nossos compêndios gramaticais.

Câmara Jr. (1985, p. 92) define o processo derivacional como sendo a “estruturação de um vocábulo, na base de outro por meio de um morfema que não corresponde a um vocábulo e introduz no semantema uma idéia acessória que não muda a significação fundamental”. Repete a definição tradicional em que a derivação é um processo destinado a criar novos vocábulos, também corrobora a tese acerca da relação aberta do referido processo e ressalta a possibilidade ou a existência potencial de uma derivação em cada vocábulo, uma vez que “a lista de seus derivados não é nem exclusiva nem exaustiva” (1991, p. 49).

Herculano de Carvalho (1984, p. 526-34), a respeito da significação dos elementos mórficos (que ele denomina “monemas”: núcleo, tema e afixos), caracteriza os afixos como elementos de significação secundária – monemas marginais –, que se acrescem àqueles de significação primária para determiná-la, modificando-a ou completando-a.

O autor classifica tais monemas de derivativos, devido à sua função derivativa ou derivação, cujo resultado é uma nova significação que pressupõe e exige sempre a significação primária (por exemplo, o conceito de “ferreiro” implica por força o conceito de “ferro”), o que constitui uma relação significativa entre as entidades do inventário léxico de uma dada língua no plano paradigmático.

Em Sandmann (1992, p. 32-48), pode-se depreender que se trata de um processo de formar palavras por meio de um afixo (que expressa uma idéia geral) e uma base (que expressa uma idéia particular ou menos geral), o que constitui uma repetição dos ensinamentos gramaticais tradicionais.

O processo de flexão

As gramáticas e compêndios parece evitarem o assunto; a rara descrição do assunto não constitui um estudo à parte, é incluído no tópico classificação e flexão de palavras.

É limitado o seu estudo, do qual depreendo ser um processo de alterar o sentido da palavra-base, dando-lhe uma modalidade específica, com o acréscimo de uma desinência.

Kehdi (Op. cit., p. 28-30) não define flexão; define desinências como sendo “morfemas terminais de palavras variáveis. Estabelece diferença entre elas e sufixos, considerando a relação de dependência do vocábulo que contém a desinência em relação a outro, através da concordância nominal ou verbal.

Não há também em Freitas (Op. cit., p. 88-90) uma definição de flexão e, embora procure esclarecer o que não é flexão, não acrescenta nada, pois se limita a repetir os ensinamentos tradicionais.

Em Câmara Jr. (Op. cit., p. 117), há uma definição de flexão. O autor a define como sendo o processo de variar um vocábulo para expressar dadas categorias gramaticais, e descreve parcialmente o seu mecanismo.

Herculano de Carvalho (Op. cit., p. 588-600) afirma que é deficiente a sua definição, já que “não conhecemos senão empiricamente o que seja o fenômeno designado pelo nome de flexão”. Em virtude de tal fato, prefere tentar esclarecer o conceito de paradigma flexional ou paradigma de flexão, do qual se depreendem a flexão de número de substantivos, adjetivos e pronomes, a flexão de gênero de adjetivos e pronomes, e a flexão de número, pessoa, tempo e modo de verbos, em português.

Para o autor, paradigma flexional é uma “coleção ou conjunto de significantes léxicos que têm em comum uma mesma significação interna, manifestada por um mesmo tema, e que diferem entre si por apresentarem, como determinadoras daquelas, diversas significações periféricas (categorias de segundo grau de gênero, número, tempo, etc.) manifestadas por diversos afixos”.

Define flexão como uma “variação formal e significativa no interior de uma palavra semântica pela qual a sua significação interna, constante, é determinada particularmente pelas diversas significações gramaticais periféricas que se associam àquela e são expres-

sas quer por monemas marginais (afixos) que se ligam ao tema, quer pela alternância temática”. Isto é, a flexão é o resultado semântico-formal que se dá sem criar nova palavra semântica.

Sandmann (1991, p. 23-42) não trata especificamente da flexão, mas deixa claro que constitui uma “forma de derivação não-voluntária ou necessária”, determinada pela concordância ou por fatores sintáticos, já que os sufixos flexionais “são obrigatórios, pois sua ausência é significativa”.

Neste trabalho, Sandmann trata especificamente do “morfema de gênero feminino”, fundamentado nos ensinamentos de Matthews (1974), e distingue o “morfema de gênero feminino” dos substantivos do morfema de gênero dos adjetivos.

Hjelmslev (1976, p. 91-106) fez uma comparação direta entre derivação e flexão no capítulo V, que reservou para distinguir estes processos. Começa por afirmar que toda língua constitui um sistema, cuja essência consta de uma rede de relações firmes de oposições e de semelhanças entre as unidades dadas. Estas relações podem ser sintagmática – relação firme entre os elementos dentro de um mesmo sintagma: regente e regido, os quais estão sujeitos a determinadas leis que dependem do sistema sintagmático – e/ou paradigmática – esquema de relações de oposição e semelhança que são independente da relação sintagmática.

O sistema sintagmático consta de semantemas – elementos que portam o conteúdo de uma série (comumente denominados radicais) – ou de elementos com uma função determinada. E o sistema para-

digmático consta de morfemas – elementos que formam o conteúdo de um determinado modo gramatical (comumente denominados de afixos) que não estão determinados por uma relação de união.

Como os afixos compõem uma classe fechada que constituem uma relação aberta, pois o uso de um deles independe de leis, mas sim do sentido que se deseja expressar, o autor afirma que a derivação pertence ao sistema paradigmático, ao passo que a flexão pode pertencer aos dois sistemas, pois às vezes há a possibilidade de escolha do morfema a ser utilizado (como ocorre com o tempo dos verbos).

Derivação Sufixal e Flexão

Assim, chego a conclusão de que a comparação entre derivação e flexão nos remete à comparação entre derivação sufixal e flexão, que é mais específica, não apenas pelo fato de ambos os processos utilizarem-se de uma base e um sufixo, mas principalmente por ser o elemento de estudo que mais nos interessa, pois a formação de feminino nos substantivos, que se faz com o acréscimo do afixo “-a” a uma base, em princípio, pode ser considerada uma flexão, como o fazem a tradição gramatical, Basilio, Câmara Jr. e outros autores, ou uma derivação sufixal, como o faz Sandmann, ou nenhum dos dois fenômenos, como o faz Herculano de Carvalho.

O confronto entre estes dois fenômenos, **a priori**, não oferece grandes problemas, apesar de ambos terem algumas características semelhantes. Ambos servem a nomes e verbos e a eles atribuem um

8

sentido especial e se caracterizam por serem processos pelos quais se acresce um morfema a uma forma-base.

Até aqui venho usando o termo “morfema” nas acepções dos autores citados, as quais se assemelham à de Hjelmslev:

Los elementos ligados se llaman semantemas (...), Los ligantes se llaman morfemas. Hay que entender que Los semantemas son elementos que portan el contenido de la serie y Los morfemas son Los elementos que forman este contenido de un determinado modo gramatical. (...) morfemas no son otra cosa que lo que en Los viejos días se llamaba afijos, prefijos, sufijos, terminaciones. (HJELMSLEV, 1976, p. 82-3)

Há particularidades da flexão e da derivação que facilitam sua distinção.

Na derivação, há inúmeras lacunas: para as palavras: “trabalhar”, “lavar”, “carregar” e “vender”, temos: “trabalhador”, “lavrador”, “carregador” e “vendedor”, mas não temos *ensinador, *estudador para “ensinar” e “estudar”, cujos pares se formam com “professor” e “estudante”. Sobre este assunto sugerimos a leitura de Sandmann (1972, p. 24). O autor apresenta um quadro com exemplos de lacunas em paradigmas lexicais do português, abaixo sintetizado:

sufocar	sufocação	sufocamento	sufoco
internar	internação	internamento	–
sustentar	sustentação	–	sustento
receber	recepção	recebimento	receita
conceber	concepção	–	–
perceber	percepção	–	–

No entanto, não há lacunas nos paradigmas flexionais, os quais são processos fechados e completos em potencial, já que todos os adjetivos biformes apresentam uma forma masculina e outra feminina, singular e plural, assim como ocorre com os verbos, cujo paradigma conjugacional é completo, considerando o sistema da língua e suas possibilidades. O caso dos “defectivos” deve ser entendido como sendo uma restrição da norma e não do sistema. Formas que hoje são aceitas já foram rejeitadas anteriormente e as faltas existentes podem a qualquer momento ser preenchidas.

Assim, a diferença principal e essencialmente importante para a distinção entre flexão e derivação sufixal é o fato de esta ser um processo de formação de novas palavras e aquela, um processo fechado de modalidades de uma mesma palavra.

Logo, quando acrescentamos a uma palavra um sufixo derivacional (afixo), formamos uma nova palavra (ex.: “casa” – “casinha”, “belo” – “beleza”, “amar” – “amante”); quando, porém, acrescentamos um sufixo flexional (desinência) a uma palavra, uma nova modalidade surge (ex.: “casa” – “casas”, “belo” – “bela”, “amar” – “amarei”). Corroborando Basilio (Op. cit., p. 11), “casinha”, “beleza” e “amante” são palavras diferentes formadas, respectivamente, de: “casa”, “belo” e “amar”; “casas”, “bela” e “amarei” são diferentes formas destas palavras.

Outras particularidades, a meu ver, secundárias, porém, não menos importantes, podem facilitar a distinção entre tais processos.

Quanto à ordem de ocorrência na palavra, o sufixo flexional ocupa sempre a posição mais afastada à direita e não co-ocorre com outro da mesma natureza, já que se opõem. Por exemplo, nos nomes adjetivos, a ocorrência do sufixo flexional de gênero ou de número expressa feminino (bela) naquele caso, e plural (belos) neste; nos verbos, a ocorrência do sufixo flexional de futuro do presente e de 1.^a pessoa do plural nega os demais tempos e modos e pessoas e número.

Quanto à entrada de palavras nos dicionários, apenas uma das formas de uma mesma palavra é registrada (as demais são depreendidas com facilidade, já que se trata de um processo natural. Basta que o usuário se familiarize com o sistema em referência), enquanto que é possível encontrarmos várias palavras derivadas. Como flexão não cria novas palavras, uma das formas é escolhida – normalmente a forma não-marcada, forma genérica. No caso do adjetivo e do pronome, o masculino singular é o escolhido; no caso do substantivo, o singular; no caso do verbo, o infinitivo.

Como a derivação cria novas palavras, em princípio todas são registradas. Porém, não ocorrendo a lexicalização ou idiomatização (caso em que a palavra derivada assume um significado específico: calção, camisola, casinha, etc.), por conveniências diversas (economia, de fácil formação, de uso freqüente, de significado transparente e facilmente recuperável e de formação neológica) muitas não são registradas.

Outro aspecto relevante na distinção entre derivação sufixal e flexão é o aspecto sintático, que estabelece regras de congruência. A concordância, que é determinada por fatores sintáticos, independentes da vontade do falante, caracteriza a flexão, já que as formas de uma mesma palavra se mostram diferentes nos diferentes contextos (exemplos: casa linda, dois carros lindos, etc.). É este o caráter natural das formas que surgem por meio da flexão, o que não ocorre com a derivação sufixal, cujas formas constituem novas palavras.

Seu processo não depende de aspectos sintáticos e, por isso, não se determina por regras de concordância (exemplos: casarão lindo, casebre lindíssimo, etc.). Trata-se de formações de diferentes palavras, escolhidas pelo falante. A forma escolhida, como afirma Sandmann (Op. cit., p. 30), não se dá devido a regras sintáticas, mas a fatores pragmáticos, contextuais ou semânticos.

Considerações Finais

A “flexão” é descrita pela MF como sendo um fenômeno sistemático, obrigatório, fechado, podendo causar congruência (concordância); o fenômeno da “derivação”, em contrapartida, é descrito pela ML como assistemático, não-obrigatório, aberto e não causa congruência.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática Metódica da Língua Portuguesa. 33. ed., São Paulo: Saraiva, 1985.

AZEREDO, José Carlos de. Fundamentos de Gramática do Português. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BASILIO, Margarida. Teoria Lexical. 2. ed., São Paulo: Ática, 1989.

BECHARA, Evanildo . Moderna Gramática Portuguesa. 37. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. Estrutura da Língua Portuguesa. 15. ed., Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. História e Estrutura da Língua Portuguesa. 4. ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

_____. Princípios de Linguística Geral. 7. ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

_____. Problemas de Linguística Descritiva. 14. ed., Petrópolis: Vozes, 1991.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luis F. Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 3. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FREITAS, Horácio Rolim. Princípios de Morfologia. 2. ed., Rio de Janeiro: Presença, 1981.

HERCULANO DE CARVALHO, José Gonçalo. “Atualizadores Léxicos”. **In:** Revista de Cultura, 67(5). Petrópolis: Vozes, 1973, p. 385-96.

- _____. Teoria da Linguagem: Natureza do Fenômeno Lingüístico e a Análise das Línguas. Vol II, 4. Imp. Coimbra: Coimbra, 1984.
- HJELMSLEV, Louis. Sistema Lingüístico y Cambio Lingüístico. Version espanhola de Berta Pollares de R. Arias. Madrid: Gredos, 1976.
- KEHDI, Valter. Formação de Palavras em Português. São Paulo: Ática, 1992.
- MATTHEWS, P. H. Morphology: An Introduction to the Theory of Word-Structure, London: CUP, 1974
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 29. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- SANDMANN, Antônio J. Morfologia Geral. São Paulo: Contexto, 1991.
- _____. Morfologia Lexical. São Paulo: Contexto, 1992.